

Diversão & Arte

» NAHIMA MACIEL

Sem o Sol, não há vida. Todos os astros presentes no Sistema Solar giram em torno desse que é o maior, mais poderoso e volumoso corpo do lado de cá do universo. O detalhe vital é suficiente para a equipe da AYA Estúdio justificar o protagonismo dessa estrela na exposição Luz Eterna — Ensaio sobre o Sol, em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil. Fruto de uma pesquisa que une arte e tecnologia, a mostra convida o visitante a mergulhar em reflexões poéticas sobre o astro, ao mesmo tempo em que descobre suas dimensões plásticas e míticas. “O Sol é o astro que representa a vida, sem ele a vida não existe e a gente quer mostrar como ele é importante e como pode ser transformado em arte. Não estamos falando do Sol literalmente, é uma construção”, avisa o curador, Antonio Curtí, sócio fundador da AYA Estúdio, responsável pela concepção da exposição.

No total, sete obras imersivas criadas de maneira a proporcionar experiências sensoriais ocupam as galerias 2 e 4 e o Pavilhão de Vidro do CCBB. “São somente artistas brasileiros, um norte da curadoria para mostrar que esse movimento de new media art no Brasil também é ponta de lança”, avisa o curador. São obras que utilizam dados em tempo real de acontecimentos solares, obras em que o visitante se transforma em partículas e faz um entrelaçamento poético com o astro e outras em que a proposta é refletir sobre o Universo. “Tem desde obras imersivas, interativas e contemplativas até obras complementares”, explica Curtí.

Tudo começa em *Gênese*, instalação que conta, de forma poética, a história da importância do astro para a vida na Terra desde a origem até os dias atuais, incluindo o impacto para a tecnologia, a sustentabilidade e a vida diária. A obra é assinada pelo estúdio AYA. “É uma sala imersiva que cria essa jornada da formação do Sol até os dias de hoje”, explica Curtí.

Idealizada pela artista ERO, *Fluido solar* propõe uma interação por meio de jogos de luz e cria a sensação de um corpo fluante cujas raízes estão presas ao solo, uma metáfora na qual o homem é, ao mesmo tempo, produto da terra e da luz. Em *Continuum*, Junior Costa Carvalho e Rodrigo Machado, do Estúdio Sala 28, utilizam dados de fenômenos solares em tempo real para alimentar barras de LED cujas cores e intensidades variam de acordo com as informações recebidas. Em *Perihelion*, uma projeção em tempo real transforma o céu em uma câmara escura na qual fenômenos como um eclipse, o movimento de rotação e o solstício de verão são marcados por relógios concêntricos.

O SOL

EXPOSIÇÃO NO CCBB UNE ARTE E TECNOLOGIA
PARA FALAR SOBRE O PODER DO ASTRO
EM OBRAS IMERSIVAS E INTERATIVAS

TRANSFORMADO
em ARTE

LUZ ETERNA—
ENSAIO
SOBRE O SOL

Curadoria: Antonio Curtí. Visitação até 5 de maio, de terça a domingo, das 9h às 21h, nas Galerias 2 e 4 e no Pavilhão de Vidro, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB — SCES Trecho 02 Lote 22, Ed. Presidente Tancredo Neves). Entrada gratuita mediante retirada de ingressos no www.bb.com.br/cultura e na bilheteria do CCBB Brasília

No caso dessa exposição, como isso se traduz para o público?

É uma exposição que tem um viés muito interessante. Para o público, não há necessidade de conhecimento de história da arte, ela democratiza, de fato, o acesso à experiência, ao conteúdo. Todo mundo vai sair com uma experiência, um resultado, e isso é que é bacana quando você utiliza essa poéticas imersivas de novas mídias para trabalhar a arte.

Por que o Sol como tema?

O Sol sempre foi reverenciado desde os primórdios como uma entidade que capacitou o ser humano a desbravar, explorar, conhecer mais sobre o mundo. A sobrevivência é intrínseca à existência do Sol. Em muitas culturas, o Sol foi personificado como um deus. E quando o ser humano domina o fogo, tira essa propriedade que faz do Sol uma divindade e se transforma no próprio deus. E quando o ser humano absorve o Sol, cria a luz artificial. A exposição é como esse Sol se transforma no fogo e na luz, que se transformam em arte. As obras utilizam essa matéria luminosa para criar as poéticas. Não é uma exposição de luzinha imersiva. É como a mente de um artista é capaz de se apropriar dessa divindade que é o Sol para transformá-lo em tecnologia e criar obras que têm o intuito de impactar o público, trazer questionamentos.

Como evitar que uma exposição como essa não seja uma reprodução de um museu de ciências?

Isso é uma questão da poética artística do artista trabalhando no projeto. O artista tem um norte e sabe transformar qualquer coisa numa visão artística. A criatividade do ser humano é capaz de utilizar esse tema e transformar numa arte que faça sentido não só para ele, mas para o público como visitante. Claro que daria muito certo num museu de ciências, por exemplo, mas a visão curatorial e geral do projeto é transformar em experiências artísticas em que o conteúdo é passado para o visitante, mas não é explicado. A obra não é didática e isso é a grande diferença para um museu que é mais voltado para o ensino e a arte são intrínsecas na sociedade contemporânea e como se ligam para criar poéticas e diálogos que façam sentido na sociedade contemporânea em que a gente vive. A arte está sempre sendo um espelho da vida e esse espelho está contemplando o futuro que a gente está experienciando. A arte é só um espelho da vida e utiliza essas técnicas para se reinventar, como outros movimentos se utilizaram.

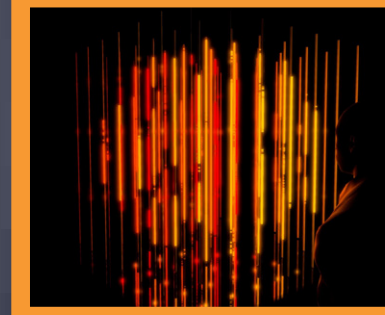
Fotos:imagem ilustrativa/Divulgação



Projeto da obra *Photosphere*, 2024 Vigas



Projeto da obra *Fluido Solar*, 2024. ErotidesNai



Projeto da obra *Continuum*, 2024 Sala 28



Projeto da obra *Céu Zero*, 2024 Leston

A *Aquarela de íons* de Arthur Boeira e Gustavo Milward narra fenômenos solares a partir de composições de som, luz e imagens. O ambiente imersivo sugere ao público acompanhar como os íons solares são capazes de influenciar corpos muito distantes do astro-rei. *Photosphere*, de Leandro Mendes, é uma teia circular de cores vibrantes criadas a partir de dados coletados do universo e, em *Céu zero*, Leston propõe pensar sobre a linha do horizonte e seus limites.

Luz Eterna entra em cartaz logo após *Studio Drift — Vida em coisas*, mostra de artistas holandeses que também trabalham com linguagens a meio caminho entre a arte e a ciência.



Segundo Curtí, é uma tendência. A intenção foi, sobretudo, falar do Sol de forma poética e em uma linguagem que engaje o público. “Eu não acredito mais na exposição da arte onde a pessoa vai sem conhecimento prévio e sai vazia. Acredito numa exposição que ela vá gostar e querer contar para alguém, que cria um efeito de bola de neve”, diz o curador.

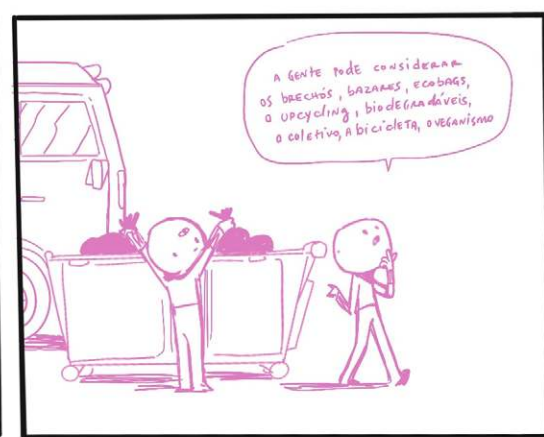
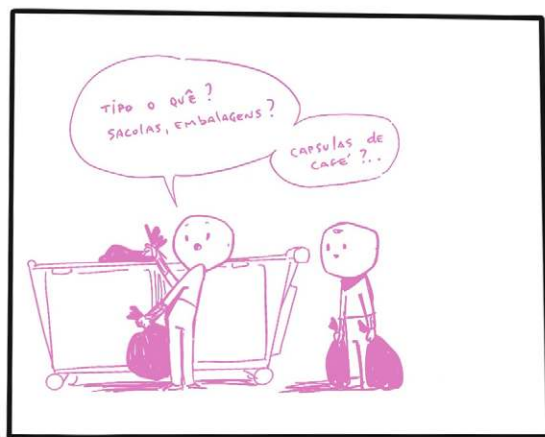
Entrevista // Antonio Curtí

Como a arte pode se beneficiar da união com a tecnologia em exposições como *Luz Eterna*?

A gente tem essa paixão de como a tecnologia e a arte são intrínsecas na sociedade contemporânea e como se ligam para criar poéticas e diálogos que façam sentido na sociedade contemporânea em que a gente vive. A arte está sempre sendo um espelho da vida e esse espelho está contemplando o futuro que a gente está experienciando. A arte é só um espelho da vida e utiliza essas técnicas para se reinventar, como outros movimentos se utilizaram.

GURULINO

Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sargeon



@gurulino